

Descaminhos da esquerda: da centralidade do trabalho à centralidade da política

IVO TONET E ADRIANO NASCIMENTO

Rio de Janeiro: Ed. Alfa-ômega, 2009. 124p.

*Sergio Lessa**

É sabido que a *Ontologia*, de Lukács, conheceu uma estranha trajetória: redigida na década de 1960, apenas duas décadas depois e graças aos estudos sistemáticos de uns poucos indivíduos na Europa seu conteúdo passou a ser menos desconhecido. Já então um dos seus aspectos mais polêmicos veio à tona: sua avaliação da experiência soviética. Segundo Lukács (e isto em 1960), a URSS já teria realizado a transição para o socialismo na esfera da produção, faltando completar a transição na esfera da política e do Estado. Ainda que uma afirmação dessa forma tão taxativa não possa ser encontrada no texto da *Ontologia* (está presente em um opúsculo que redigiu em 1968 e que recentemente foi publicado em nosso país sob o título de *Socialismo e democratização*), nela são encontradas várias passagens em que o caráter socialista na URSS é afirmado inequivocamente. Desconsiderando as críticas que não merecem crédito, feitas de tráfugas como Agnes Heller, as considerações mais ricas e mais articuladas nesse sentido vieram sempre de István Mészáros. Este grande pensador, nunca é demais recordar, foi assistente de Lukács na Universidade de Budapeste e manteve com o autor da *Ontologia* um rico e intenso contato até a morte deste, em 1971.

Ainda que alguns aspectos da crítica das concepções de Lukács por Mészáros mereçam ser melhor examinados – em especial suas ponderações acerca da perma-

* Professor da Universidade Federal de Alagoas.

nência de traços de idealismo hegeliano no Lukács dos anos 1960 –, o fundamental de seus argumentos tem revelado um enorme poder. Sendo muito conciso: se o trabalho é a categoria fundante, como é possível que não se tenha completado na esfera ideológico-política, após tantas décadas, a transição ao socialismo que se teria realizado na esfera produtiva?

Em *Para além do capital*, esta certa argumentação de Mészáros ganhou sua forma mais madura: a estrutura conceitual da *Ontologia* estaria marcada por equívocos decorrentes da adesão de Lukács às teses do socialismo em um só país. O principal deles: um acento exagerado nos complexos valorativos que conferiria aos processos de transição ao socialismo um quê de moralismo e eticismo.

Há um enorme conjunto de problemas a serem ainda examinados tanto na *Ontologia* quanto em *Para além do capital* para nos satisfazermos com simplificações como a que acabamos de fazer. Todavia, ela poderá ser útil para indicar a inserção do livro de Ivo Tonet e Adriano Nascimento nesse debate: partem do argumento de Mészáros e o radicalizam para analisar os “descaminhos da esquerda”. Se Mészáros postula que a transição tem no trabalho a sua categoria fundante, como tudo mais no mundo dos homens, Tonet e Nascimento levam às últimas consequências tal argumento: a transição ao comunismo (e não apenas ao socialismo) teria que ser a transição de uma forma particular de trabalho (o trabalho proletário do capitalismo) a outro (o trabalho associado da “livre organização dos produtores associados” do comunismo). A pedra de toque para a avaliação das experiências revolucionárias deveria ser sua capacidade em superar o trabalho proletário em direção ao trabalho associado. Frente a esse aspecto decisivo, todas as outras questões ficariam subordinadas e retirariam dele seu significado histórico. Assentado este pilar, Tonet e Nascimento avançam seu segundo argumento de peso: como as esquerdas em geral perderam esse referencial, terminaram sem um guia seguro para avaliar o que ocorria (e o que ocorreu) nas esferas da organização da vida social, da vida política e ideológica das sociedades que conheceram revoluções no século XX. Sem tal guia, perderam-se nas esferas da política e da ideologia de uma maneira geral: a discussão entre elas passou a ser entre diferentes experiências de organização do Estado ou da vida ideológica, assumindo que nesta esfera seria decidido o destino da transição ao socialismo. O que ocorreria na esfera da produção seria, então, secundário na determinação dos rumos da revolução, frente ao que se dava nas esferas da organização partidária, estatal etc. Os autores argumentam que o reconhecimento do fato de que o trabalho, sendo a categoria fundante da sociedade, seria também a esfera decisiva na transição de um modo de produção a outro, é substituído por outra concepção, inteiramente distinta e, no fundo, idealista: a transição seria decidida na esfera da política. Transitou-se, segundo os autores, da esfera do trabalho para a esfera da política.

Essa transição, na história do movimento revolucionário, teria ocorrido em dois grandes eixos. De um lado, a socialdemocracia – que, na passagem do século XIX ao XX, continha ainda pulsões revolucionárias – converter-se-ia, com o tem-

po, em agremiações inteiramente convertidas ao Partido da Ordem. Ainda mais cedo que no restante da esquerda, a socialdemocracia adotou a nova perspectiva politicista que legitimava seu legalismo e seu reformismo. Por outro lado, desde muito cedo a Revolução Russa, com a direção bolchevique, se convence de que a manutenção do poder de Estado nas mãos dos revolucionários possibilitaria, mais tarde e em melhores condições históricas, a transição para o socialismo. O poder político passou a ser, com o tempo, o critério decisivo de suas ações, até que, com o apogeu do estalinismo, tal concepção passou a ter, na manutenção do Estado Soviético, seu objetivo único e supremo. Ao final de algumas décadas, essa concepção terminou conduzindo os soviéticos a proporem a convivência pacífica com os Estados capitalistas: a transição seria conseguida, não mais pela luta de classes, mas sim pelo exemplo das massas socialistas!

Os resultados foram funestos. Por um lado, a esquerda perdeu a capacidade de aprender com seus próprios erros, com suas experiências derrotadas do passado. Por outro lado, converteu-se em uma esquerda que apenas é capaz de conceber a luta revolucionária como uma luta eleitoral, que ocorre dentro dos marcos da legalidade burguesa – único espaço para a “grande política” pela qual reclama o insensato realismo desta esquerda que se perdeu na história. E, tal descaminho da esquerda, ao coincidir com a ofensiva do capital sob a forma do neoliberalismo e da reestruturação produtiva (para sermos breves), aumentou as dificuldades históricas de os proletários reagirem às novas condições históricas como antagonistas do capital que de fato são. Tonet e Nascimento propõem, então, uma completa reviravolta para a esquerda: recuperar a centralidade do trabalho para a transição ao socialismo. A partir dessa recuperação, defendem uma reavaliação da história das revoluções que possibilite recuperar as lições que elas permitem – para promover uma radical crítica das posturas legalistas e eleitorais a que se tem restringido a esquerda dos nossos dias.

Um ensaio com tal horizonte e uma tal ambição não pode ser, e certamente não é considerado pelos autores, algo concluído. Há várias questões históricas e filosóficas que reclamam por análises mais aprofundadas (por exemplo, a vasta bibliografia mais recente sobre a experiência soviética e chinesa pouco é mencionada; um exame mais detalhado das teses de Mészáros também seria importante, um exame mais acurado das determinações materiais da persistência da paralisia operária nas últimas décadas ajudaria na compreensão do atual momento etc.), bem como algumas passagens exibem um conteúdo que poderia receber uma forma mais madura e melhor acabada. E, por fim, uma editora que facilite o acesso do leitor ao livro é imprescindível.

Isto, todavia, não tira o impacto e a força do texto: é a melhor e mais instigante análise da trajetória da esquerda desde que foi publicado entre nós *Para além do capital*, de Mészáros. Um texto que vale a pena ser lido!

LESSA, Sérgio. Resenha de: TONET, Ivo; NASCIMENTO, Adriano. Descaminhos da esquerda: da centralidade do trabalho à centralidade da política. Rio de Janeiro, Ed. Alfa –ômega, 2009, 124p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.30, 2010, p.157-159.

Palavras-chave: Esquerda; Trabalho; Política.